



Henrique Pereira dos Santos
(texto) e Duarte Belo (fotografias)

***Das pedras, pão / Bread from
stones***, Lisboa: Museu da
Paisagem, Outubro de 2022,
256 pp.

ISBN: 978-989-53820-1-9

Recensão crítica de
José Campinho*



10.34640/universidademadeira2023campinho

Das pedras, pão - Um título assim, quase poético, pode levar ao equívoco que a nota final do livro dissipa claramente:

é um livro sobre paisagens marginais. As paisagens e territórios mais pobres de Portugal que, durante os últimos séculos, eram o depósito de fertilidade que permitia ir produzindo o pão. [...] Este livro pretende ajudar-nos a compreender os processos que estão a decorrer num território cada vez menos pressionado pela presença humana, onde a vegetação natural tem vindo a ocupar os espaços abandonados que só o fogo parece perturbar (SANTOS e BELO, 2022: 254).

Mais concretamente: com o fluxo populacional no sentido do litoral e dos principais centros urbanos, o interior de Portugal é hoje um território largamente abandonado pelo Homem, uma paisagem fossilizada da ocupação humana que ali houve, uma arqueologia da resistência e da sobrevivência humana árdua, elementar, quase impossível – onde era preciso fazer das pedras, pão –, mas também território que é hoje de livre expansão da vegetação natural, sem os condicionamentos próprios da atividade agropecuária.

Percorrer este Portugal interior e montanhoso, de penhascos e vales vergastados por ventos cortantes e sóis inclementes, terra pobre, pedregosa, por cangostas e aldeias onde nasceu, viveu e morreu gente, pode levar à tentação fantasiosa de se imaginar um mundo edénico perdido que a promessa do turismo pode resgatar – o oposto da dura luta pelo pão das populações isoladas que até final do século XX ocupavam aquelas lonjuras no fim do mundo. Estas terras marginais de que trata esta obra já o eram antes do seu abandono: “o sentido de terras marginais que aqui uso é o de serem marginais em relação à produção agrícola [...]. O facto de serem terras marginais, dada a sua baixa capacidade para alimentar gente, não significa que sejam inúteis e muito menos que as comunidades que as ocupavam não as geriam” (SANTOS e BELO, 2022: 79).

Henrique Pereira dos Santos, arquiteto sempre ligado à Conservação da Natureza e Biodiversidade, o autor do texto, opta por uma abordagem de rigor do domínio da antropologia cultural e da gestão da biodiversidade, por um discurso lógico-descritivo, sem cedências emotivas, antes procurando entender a dinâmica natural destas paisagens de silêncio, sem recusar um posicionamento crítico relativamente às opções políticas de ordenamento destes territórios.

As fotografias de Duarte Belo são imagens de impacto forte que, obviamente, não prescindem de um certo olhar impressionista e simultaneamente documentarista, como é timbre deste arquiteto mapeador da paisagem portuguesa - como no projeto da Escola da Vila/Galeria Porta 33, recentemente, na Ilha do Porto Santo. Aliás, o trabalho continuado de Duarte Belo de levantamento fotográfico sistemático da paisagem, povoamento e arquitetura de Portugal traduz-se já num registo de quase dois milhões de fotografias!

Das pedras, pão não é, no entanto, o retrato de um território estagnado, mas antes a abordagem da dinâmica transformadora do tempo nestes espaços rurais inóspitos que foram habitados pelo Homem e onde se exploravam atividades agropecuárias de subsistência. A paisagem nunca é apenas um postal, mas a confluência de perspetivas e dinâmicas naturais e antropológicas: “As paisagens estão em permanente alteração e sob a influência de inúmeros processos autónomos que atuam em diferentes escalas, quer no espaço quer no tempo” (SANTOS e BELO, 2022: 51).

Tudo isto é bem evidente ao seguirmos cada uma das duas linhas narrativas do livro. As fotografias de Duarte Belo, cheias de vestígios da presença humana nesses lugares incertos: a roupa lavada na corda ao vento ou a escola abandonada, que tão bem simboliza o êxodo do interior, os carreiros, os caminhos ou as exíguas estradas asfaltadas para nenhures. Em alternância (ou em complemento ou paralelamente), o texto de

Henrique Pereira dos Santos na primeira pessoa verbal, impressionante, cheio de observações, de explicações, com o tom coloquial de quem gosta de conversas, de saber, de perguntar, de querer compreender: “De que vive esta gente? Por que razão num sítio se come mais coentros e noutros mais salsa? Por que razão está ali aquela casa? O que faz ali aquela vinha e que tal é o vinho que de lá sai? Por que diabo há este queijo nesta região?” (SANTOS e BELO, 2022: 25). Lê-se este livro como se fôssemos por aí de viagem, andando devagar, a reparar em tudo o que há na beira e além da curva da estrada e a procurar os sentidos a que isso pode levar.

O texto de Henrique Pereira dos Santos está repartido por oito capítulos que tratam destes territórios marginais, atendendo à ocupação humana, condições edafoclimáticas, fertilidade, flora predominante (com destaque para os carvalhais), e à gestão desses espaços nos últimos anos. O autor apresenta sempre casos concretos e procura ler e explicar os processos naturais que ditam que num determinado sítio se encontrem com maior frequência determinadas combinação de espécies de plantas. Por seu lado, um fotógrafo com Duarte Belo não deixa nunca de ter um olhar plástico sobre a realidade e algumas fotografias do livro são lapidares quanto ao seu poder estético, como é o caso das grandes panorâmicas sobre os planalto do Gerês ou da planície do interior de Portugal.



Uma palavra final para o esmero particular desta edição coordenada por João Abreu, com design e paginação de Mariana Vale. Este livro foi concebido formalmente como um cuidado objeto diferenciado: tem capa dura, mas prescinde da lombada usual, que mostra apenas o tecido amarelo que agrega e forra o miolo da obra. *Das pedras, pão* é uma obra bilingue (português/inglês). A qualidade da impressão (mate) e as opções de paginação são irrepreensíveis. Relevante e revelador (ou não fosse esta uma publicação do Museu da Paisagem) é a excelente articulação entre o texto verbal e a fotografia, dimensões que aqui se conjugam e complementam mutuamente, sem sobreposições, de tal modo que podemos pensar que é tanto uma obra de fotografia como um ensaio crítico sobre essa tão larga e longa faixa marginal(izada) do território de Portugal.

José Campinho

Porto Santo, 10.04.2023

José Campinho*

Nasceu em Gamil, Barcelos, em 1968. Jornalista (1987-1999); Professor de Português na ilha do Porto Santo, desde o ano 2000. Licenciado em Humanidades (Universidade Católica Portuguesa); Mestre em História das Instituições e Cultura Moderna e Contemporânea (Universidade do Minho); Doutor em Estudos Portugueses – Literatura e Cultura Portuguesas (Universidade Aberta). Publicou: *Insulação* (Húmus, 2022); *Líquenes do Porto Santo* (Imprensa Académica/UMa, 2021); "Porto Santo: A nau do profeta", in *A Condição de Ilhéu: Arquipélago da Madeira* (CEPCEP - UCP, 2021); "Imagologia Literária", in *E- Dicionário de Termos Literários* de Carlos Ceia (2019); "Doze haikus", in *A Poesia no Mundo: para uma nova globalização* (2019); "Samuel Beckett e o Porto Santo", in *Aprender Madeira* (2019); *A Escola Básica e Secundária do Porto Santo* (2018); *Imagologia Literária e Identidade Nacional em Eduardo Lourenço, Almeida Garrett e Eça de Queirós* (tese doutoramento, 2018); *O Círculo Católico de Operários de Barcelos* (CCOB, 2007); *Crónicas do Porto Santo* (Campo das Letras, 2005). É encenador do Clube de Teatro Escolar, tendo desenvolvido outros projetos teatrais no Porto Santo. Em 2019, apresentou na Galeria Anjos Teixeira, no Funchal, a exposição de fotografia *Poisar o olhar*.